

**SUPERAÇÕES, HABILIDADES E COMPETÊNCIAS DO PORTADOR COM SÍNDROME
DE DOWN EM SALA DE AULA: NA VISÃO DE PROFESSORES DE ESCOLAS NO
MUNICÍPIO DE ALTO ALEGRE – RR**

¹ Antônio Carlos Ferreira da Silva

² Daniela Santos Evangelista

³ Orientador: Mestre: Valtenir Nunes de Andrade

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar as superações, habilidades e competências do portador com síndrome de Down, do ponto de vista de professores de Escolas do Município de Alto Alegre – RR. Sabe-se que estas pessoas sofrem certo preconceito por partes das pessoas “ditas normais” e que ainda muito precisa ser feito. Buscou responder a seguinte questão problema: há superações, habilidades e competências do portador com síndrome de Down, em sala de aula, em relação aos outros alunos? Foi aplicado um questionário com 07 questões (múltipla escolha) onde os professores responderam considerando suas experiências com aos alunos em sala de aula. Os dados foram analisados considerando a pesquisas quali – quantitativa e Método Hermenêutico. Os dados analisados foram fundamentados nas leituras, análises e interpretação de dados, das respostas dos professores contidas no ICDs (Instrumentos de Coleta de dados). Quanto ao caminho metodológico, foi o empírico: baseado na experiência e observação; análise de livros, revistas e artigos; análise dos ICDs, para um melhor registro e discussão do tema. Na discussão dos dados são feitas as análises dos ICDs, acompanhada da fala do autor. De acordo com dados existentes nos ICDs, fica claro a existe de fato superações, habilidades e competências do portador com síndrome de Down, de forma gradativa e considerando os limites e que os professores têm responsabilidades ao trabalharem em sala de aula. Fica claro que há necessidade que formação específica para esta área e que a maioria dos professores são formados em educação especial.

¹ Formado em Teologia e pós graduando em

² Pós graduanda em

³ Orientador. Formacao do orientador:

1 INTRODUÇÃO

Quando se trate pessoas a Síndrome de Down é preciso haver muito cuidado e responsabilidade, para que ocorra uma prática condizente e o ensino e aprendizagem destes alunos aconteçam dentro dos padrões mais adequados possíveis. Neste sentido, a escola deve ser sempre o meio social diretamente responsável em proporcionar as devidas condições só assim tem-se uma aprendizagem integral e significativa aos alunos.

De acordo com Carvalho (2015), o ambiente escolar, se for de forma inclusiva, proporciona “grandes vantagens a todas as crianças e, não somente, às que possuem algum tipo de deficiência, pois traz a concepção de igualdade, direitos e respeito às diferenças, além de facilitar o processo de aprendizagem e desenvolvimento de alunos com necessidades especiais”. Assim, este trabalho tem como objetivo fazer uma análise quanto as superações, habilidades e competências do portador com síndrome de Down, considerando a ideia dos professores.

Buscando responder à questão problema: Há superações, habilidades e competências do portador com síndrome de Down, em sala de aula, em relação aos outros alunos? Utilizou-se do objetivo geral que foi analisar as superações, habilidades e competências do portador com síndrome de Down, do ponto de vista de professores de Escolas do Município de Alto Alegre – RR. Usou-se a abordagem qualitativa, por meio de leitura, análises e interpretação dos dados. Foi aplicado um questionário com 7 perguntas de múltiplas escolhas, entre 10 professores que trabalham com alunos que têm Síndrome de Down.

A estrutura deste artigo está construída dos seguintes itens: Introdução, justificativa, problemática. Marco teórico, metodologia, Análises dos Dados, Conclusão e Referencias. Assim, conclui-se ainda há muita coisa a ser feita em prol dos alunos que têm necessidade especiais de uma forma geral, em relação a aspectos como comportamento, preconceitos, habilidades e competências existentes em sala de aula, assim como proporcionar mais alternativas de estudos e fundamentações sobre o tema.

1.1 JUSTIFICATIVA

Este trabalho se justifica pela necessidade de maior conscientização de todos quanto a importância de inclusão destes alunos no meio da sociedade de uma maneira condizente e responsável, de forma que estas pessoas podem e devem ser profissionais com condições de contribuir de maneira significativa nos mais variados segmentos da sociedade. Quem tem Síndrome de Down podem agregar valores e ter a oportunidade de ter mais qualidade de vida, aprimoramento social, maior aprendizado e autonomia.

1.2 PROBLEMÁTICA

Há superações, habilidades e competências do portador com síndrome de Down, em sala de aula, em relação aos outros alunos?

2 MARCO TEÓRICO

Quando se trata de trabalho com pessoas com portadora de necessidades especiais, o papel do professor é fundamental para que todo o processo ocorra de maneira condizente e satisfatória. Deve ser considerado os princípios da Educação Inclusiva, o educador deve ser sempre o facilitador na busca de conhecimento que deve partir do aluno. O professor deve ser o responsável por organizar situações de aprendizagem considerando as diferentes condições e competências, dando aos alunos condições de se desenvolver da melhor maneira possível.

Neste sentido, na visão de Mizukami (1986), o objetivo da educação, portanto, não consistirá apenas na transmissão de verdades, informações, demonstrações, modelos, mas na busca do aluno aprender, por si próprio, a conquistar das verdades, mesmo realizando todos os “tateios” pressupostos por qualquer atividade real. Assim, a “autonomia intelectual será assegurada pelo desenvolvimento da personalidade e pela aquisição de instrumental lógico-racional. A educação deverá visar que cada aluno chegue a essa autonomia” (MIZUKAMI, 1986, p.71).

A função do professor é oportunizar ao aluno subsídios em que os dê condições de superação de situações vivenciada em sua realidade social e condições orgânicas, intelectuais e

transtornos oriundos das deficiências que ocorrem de aspectos físicos, comportamentais, sensoriais, motoras, intelectuais.

De uma forma geral, a escola tem que assumir uma perspectiva inclusiva, é necessidade de todo professor buscar pelo despertar e desenvolvimento das melhores competências e conteúdos altamente compatíveis às experiências das realidades de cada aluno.

Na visão de Galve e Sebastian (2002), quando se tratar de alunos com Necessidades Educacionais Especiais, o professor tem que conhecimento o suficiente para saber identificar e conhecer as competências “e os recursos/estratégias de ensino que proporcionam a sua aprendizagem, de forma a superar ou compensar os comprometimentos e/ ou dificuldades existentes”.

Neste sentido, deve-se considerar que o aluno que tem deficiência, sempre representa o novo, desconhecido, que de forma direta ou não acaba (por de maneira inesperada) invadindo o âmbito escolar e alterando o processo de ensino e aprendizagem. Assim. De acordo com Mantoan (2003) na maioria dos professores existe a visão funcional do ensino e tudo que pode romper o esquema de trabalho prático que aprenderam a aplicar em suas salas de aula, seja rejeitado.

No ato de avaliar, deve ser elaborado um planejamento diferenciado ao aluno, com o máximo cuidado de identificação dos elementos considerados facilitadores, assim como as supostas barreiras que dificultam a aprendizagem do aluno, tanto na quanto na sala de aula. Assim, está-se identificando as necessidades educacionais individuais que dificultam ou impedem a sua aprendizagem, tendo, portanto, condições de proporcionar alternativas que resolva o problema.

Sem contar que é importante a presença dos pais na escola, principalmente quando se trata de alunos com deficiência. Só com uma presença ativa e acompanhamento assíduo o processo de ensino e aprendizagem do aluno pode ser melhorado à cada dia.

Os pais de alunos com necessidades especiais não podem deixar recair totalmente sobre a escola toda a responsabilidade tanto pelo sucesso ou fracasso do aprendizado de seus filhos. O auxílio da família, dando apoio pode e faz solucionar problemas e o aluno tem toda condição de obter um melhor desempenho no âmbito escolar. A escola não pode e nem deve dar todo o suporte aos alunos para terem condições fazerem todas as atividades se não contar a colaboração dos pais em casa.

Segundo Martins (2003), essa inclusão necessita de engajamento e planejamento, devendo ser extrapolado todos os limites escolar, de forma que chegue às famílias e instituições sociais, que é importante a orientação da comunidade e o estabelecimento, um total relacionamento de maneira efetiva existente entre a escola e a família.

Cabe aos professores se atentarem para terem sempre técnicas, métodos e trajetórias profissionais, para trabalhar com esses alunos na classe regular. Infelizmente, a maioria ainda acha que aluno com necessidades educacionais especiais nunca vai aprender por conta da sua deficiência.

Em se tratando do aluno com síndrome de Down, na visão de Schwartzman (1999), a síndrome acontece devido a um erro genético na concepção ou após, estas pessoas sempre vão ter um atraso em todos os desenvolvimentos, assim como um estado de deficiência mental, não há portanto uma espécie de padrão pré-definido de desenvolvimento em todos que têm a Síndrome, já que o desenvolver da inteligência não depende da alteração cromossômica, e sim todo o potencial genético e a influência causado pelo meio.

O certo é que tem Síndrome de Down, pode ter uma vida normal e fazer todas atividades diárias igual as outras pessoas, considerando é claro suas dificuldades e limites. Neste sentido, cabe ressaltar que estes irão precisar de condições especiais e orientação de profissionais especializados, para que seus desenvolvimentos e aprendizagem ocorram de maneira significativa. Nunca esquecendo da importância que deve ter a família nas atividades propostas no dia a dia, é na participação conjunta dos pais o processo de estimulação precoce se iniciará, dando ao aluno mais apoio eficaz no processo de ensino e aprendizagem.

De acordo com Schwartzman (1999), se identifica a Síndrome de Down por meio do cariótipo, estudo dos cromossomos da célula e considerando outros exames como:

✓ *Amniocentese: é realizado, a partir da 14^a até 16^a semana de gravidez. Consiste na coleta do líquido amniótico (cerca de 20 ml), que é centrifugado com uma agulha fina. As células fetais obtidas se reproduzirão numa cultura para posteriormente serem usadas na análise cromossômica.*

✓ *Amostra de vilocorial: Entre a 8^a e a 11^a semana de gravidez, é retirado cerca de 20 mg do tecido vilos corial (pedaços da placenta), por meio da biópsia transvaginal, cujo objetivo é detectar precocemente as anomalias cromossômicas.*

✓ *Cordocentese: Consiste na retirada de 2 a 5 ml de sangue fetal, que é obtido pela punção do cordão umbilical. Este método também é realizado com o auxílio da ultra-sonografia, pois é necessário localizar o cordão para puncionar a veia umbilical, que por sua vez, fornecerá inúmeras informações sobre o feto.*

✓ *Egografia: Conhecido também como ultra-sonografia, esta técnica é utilizada para obtenção de imagens do feto “in útero” e é levado em consideração algumas características fetais como, por exemplo, defeitos cardíacos, tamanho da fossa posterior, pescoço curto e largo, branquecefalia, ponte nasal deprimido, a espessura das pregas da nuca, a postura e comprimento das mãos e ossos. Este exame, não traz qualquer risco para a mãe ou para o feto.*

Não se conhece a causa real desta alteração genética e nem ainda existe cura para a síndrome de Down. Sabe-se é sempre o cromossomo 21, o responsável tanto pelos traços físicos quanto em relação a função intelectual limitada. Ao contrário do que muitos dizem ou pesam, certos problemas durante a gravidez (fortes emoções, quedas e uso de medicamentos) não são causadores da síndrome, pelo fato de esta já se desenvolver na junção do espermatozoide do pai, com o óvulo da mãe.

Vale lembrar que a pessoa com a síndrome de Down tem grande hipotonia, oriunda do sistema nervoso central, que por sua vez afeta toda musculatura e dificulta no processo de sugar, engolir e dar sustentabilidade na cabeça e os nos membros. Assim, é esperado que haja poucos movimentos no corpo, o que para Schwartzman (1999), causa uma hipotonia, que por sua vez proporciona o atraso motor, interferindo em outros da aprendizagem, já que a exploração ambiente é fundamental no sentido de fazer com que a criança tenha condições de conhecer o mundo.

Na visão de SMITH e STRICK (2001) “[...] o termo dificuldades de aprendizagem refere-se não a um único distúrbio, mas uma ampla gama de problemas que podem afetar qualquer área do desempenho acadêmico”.

De acordo com Seno (2018), mesmo considerando o comprometimento intelectual e tendência em ficar mais tempo no estágio silábico, várias pessoas com síndrome de Down têm condições de serem alfabetizar como as outras “ditas normais”, desde que consideradas nas atividades seus limites e exploração de todas suas habilidades.

Neste sentido, a autora menciona que a escola precisa:

- ✓ *Ter uma proposta pedagógica que contemple o planejamento didático-metodológico, com currículo adaptado e recursos diferenciados;*
- ✓ *Implementar ações de parceria com profissionais e serviços de Atendimento Educacional Especializado (AEE);*
- ✓ *Investir na formação dos professores.*

Ainda de acordo com a autora, considerando que as alterações na fala e linguagem oral, no comprometimento na memória, nas habilidades motoras finas, na organização e sequenciamento de informações proporcionam atrasos na linguagem escrita e leitura do aluno, o professor deve estar preparado para:

- ✓ *Inserir uma rotina em sala de aula (entre outras opções, o ideal é um fazer um quadro de horários, somente para explicar à criança portadora da síndrome a sequência dos acontecimentos, sempre lhe dando o tempo necessário para que assimile e mantenha o combinado);*
- ✓ *Selecionar os objetivos que pretende alcançar, dividindo-os em pequenos passos;*
- ✓ *Verificar os conteúdos e habilidades já adquiridos na pré-escola;*
- ✓ *Certificar-se de que habilidades, como independência e cooperação com colegas, possam ser desenvolvidas;*
- ✓ *Usar material familiar e significativo (de preferência, abusando sempre do concreto);*
- ✓ *Implantar repetições e reforços adicionais (o mesmo conteúdo deve ser trabalhado em diferentes contextos e as informações sempre repetidas);*
- ✓ *Escolher o nível de apoio apropriado (cuidador, colega, estagiário etc.);*
- ✓ *Utilizar abordagem multissensorial (explorando todas as vias de entrada: ver, copiar, fazer, sentir etc.);*
- ✓ *Falar de uma forma simples e familiar, usando palavras já conhecidas;*
- ✓ *Assegurar-se de que os significados ou tarefas foram entendidos pela criança;*
- ✓ *Empregar recursos adaptados como lápis e linhas mais grossas, papéis quadriculados etc.;*

- ✓ *Pedir à criança, caso seja alfabetizada, grifar a resposta correta para localizá-la mais facilmente (se ainda não alfabetizada, a sugestão é que solicite apenas que complete os espaços com frases curtas em vez de escrever todo conteúdo);*
- ✓ *Trabalhar com colagem de letras ou palavras prontas para que o portador da condição sequencialize as ideias;*
- ✓ *Utilizar jogos de computador para que a criança reconheça palavras e as arraste com o mouse;*
- ✓ *Incentivar o discente a escrever sobre temas de seu interesse e conhecimento;*
- ✓ *Explicar que nos momentos de copiar da lousa o mais importante é selecionar o conteúdo;*
- ✓ *Estimular a participação da criança nas diversas atividades desenvolvidas;*
- ✓ *Apresentar as regras e cobrar padrões adequados de comportamento dos demais alunos da turma.*

Neste sentido, se todos estes aspectos citados anteriormente forem colocados em prática pelos professores em sala de aula, o nível de aprendizado pelos alunos será cada vez melhor e a aprendizagem a cada dia mais significativa. Visto que hoje na realidade não é trabalhado estes aspectos no âmbito escolar como deveria. Infelizmente a maioria dos professores que trabalham com alunos especiais, não têm formação específicas, deixando do ensino e aprendizagem às vezes a desejar em muitos aspectos.

A importância do ato de ensinar, é muito importante na vida do professor, seja com alunos especiais ou não. Segundo Pereira (2017) no ato de ensinar o professor deve pôr em práticas as competências pedagógicas e habilidades de ensino, “de forma que levem os alunos a terem interesse pelas aulas e desperte o interesse na leitura e pesquisa, desta forma eles estarão construindo seu próprio aprendizado, já que a prática pela pesquisa sempre proporcionará uma verdadeira produção do conhecimento”. Assim, se torna imprescindível que este conhecimento seja útil à vida do aluno e que tenha relação com sua realidade social.

3 METODOLOGIA

Foi usado a pesquisas quali – quantitativa, Método Hermenêutico, por meio de Análise de Conteúdos. Se fundamentando leitura, análises e interpretação dos dados dos professores por meios das respostas contidas no ICDs (Instrumentos de Coleta de dados) e observação; análise de conteúdos de livros, revistas e artigos. Esta metodologia foi escolhida por existir o entendimento de que é a que mais se enquadra com o trabalho.

Considerando a pesquisa qualitativa, Richardson (1985) menciona que ela tem a característica de determinar a quantidade ou valores da coleta das informações, sendo que trata tanto em qualificar quanto exprimir ou determinar qualidade do sujeito e/ou objeto que está sendo posto em investigação. Para Ludke (1986) “Analisar os dados qualitativos significa ‘trabalhar’ todo o material obtido durante a pesquisa, (...). A tarefa de análise implica, num primeiro momento, a organização de todo o material, dividindo-o em partes, relacionando essas partes e procurando identificar nele tendências e padrões relevantes”. Em relação as análises de conteúdo, pode ser uma análise dos significados (análise temática), ou (análise dos significantes (análise léxica, análise dos procedimentos))”.

Em relação ao Método Hermenêutico, Hermann (2003) menciona que “A possibilidade compreensiva da hermenêutica permite que a educação torne esclarecida para si mesma suas próprias bases de justificação, por meio do debate a respeito das racionalidades que atuam no fazer pedagógico”.

Foi aplicado um questionário com 07 questões (múltipla escolha) onde os professores responderam considerando suas experiências com os alunos em sala de aula.

3.2 POPULAÇÃO ALVO

Na realização deste trabalho foi considerado professores que trabalham com alunos portadores com a Síndrome de Down nas escolas públicas estaduais do município de Alto Alegre em Roraima Brasil. Desta forma, a população alvo de foi de 20 professores.

3.3 AMOSTRA

Para a aplicação do ICDs foram escolhidos de maneira aleatória, 10 professores, que responderam o questionário, considerando ensino fundamental e médio. Desta maneira, foi realizado a pesquisa nestas 03 escolas da sede do Município de Alto Alegre.

4 ANÁLISES DOS DADOS

Na sequência apresenta-se e discute os dados obtidos durante a realização da pesquisa com os professores, bem suas respostas ao questionário respondido. Levando em consideração o Grau de Formação; habilidades e competências do portador com síndrome de Down em sala de aula; Dificuldades em Trabalhar com Portadores de Síndrome de Down; Perspectivas quanto ao preconceito; quanto a disciplina dos alunos com Síndrome em relação aos colegas; e Comportamento dos alunos com Síndrome de Down em relação aos outros alunos.

A seguir passa-se a ser mencionado com mais detalhes cada uma das 06 questões constantes no questionário utilizado na pesquisa.

4.1.VOCÊ TEM FORMAÇÃO PARA TRABALHAR COM PESSOAS PORTADORAS DE NECESSIDADES ESPECIAIS?

Tabela 01: Grau de Formação

ALTERNATIVAS	RESPOSTAS	%
Sim	6/10	60
Não	1/10	10
Estou cursando.	3/10	30

Fonte: a pesquisa

No que diz respeito ao grau de formação, 6 (60%) dos professores têm graduação, apenas 1 (10%) mencionou que não tem e 3 (30%) estão cursando. Isso mostra os alunos a maioria dos alunos com necessidades especiais do Município de Alto Alegre – RR têm professores com formação específica em sala de aula, o que lhes garante na teoria uma melhor condição de aprendizado. Neste sentido, vale lembrar este professor deve ser um educador como em qualquer outra disciplina.

Desta forma, cabe ao professor saber com maestria coordenar, planejar, programar, executar e ensinar os conteúdos com responsabilidade. Deve também, está atento para a prática pedagógica na escola deve, de forma que promova ações ampliem a visão de mundo dos alunos, lhes proporcionando instrumentos necessários para saberem viver e conviver na sociedade em que vivemos.

4.2 HÁ HABILIDADES E COMPETÊNCIAS DO PORTADOR COM SÍNDROME DE DOWN EM SALA DE AULA?

Tabela 02: habilidades e competências do portador com síndrome de Down em sala de aula.

ALTERNATIVAS	RESPOSTAS	%
Sim. Igual aos outros colegas sem a síndrome	1/10	10
Sim. Igual aos outros colegas sem a síndrome desde que seja bem trabalhado pelo professor	5/10	50
Sim. Inferior aos outros colegas sem a síndrome	2/10	20
Não. Não conseguem acompanhar o ritmo dos outros alunos	2/10	20

Fonte: a pesquisa

Quando se trata das habilidades e competências destes alunos, a maioria dos professores, 5 (50%) responderam “Sim. Igual aos outros colegas sem a síndrome desde que seja bem trabalhado pelo professor”, ficando claro que da necessidade apenas de um trabalho diferenciado, para que estes alunos tenham êxitos em suas atividades.

Já 2 (10%), opinaram dizendo que “Sim. Inferior aos outros colegas sem a síndrome”, vale lembrar que de fato são inferiores, mas de forma indireta, por de forma direta se forem bem assistidos podem desempenharem várias funções iguais ou até melhores que seus colegas de aula.

Por outro lado, 2 (20%), não concordam que há habilidade e competência nestes alunos capazes de serem iguais aos outros alunos e a alegação é que estes não acompanham o ritmo dos outros alunos, o que não deixa de ser uma verdade, mas pode ser muito mudado a realidade se os professores a cada dia buscarem métodos e metodologias pertinentes que em curto prazo mude essa realidade e que os alunos com síndrome de Down tenham melhores condições de aprendizado.

E apenas 1 (10%), afirmou que “Sim. Igual aos outros colegas sem a síndrome”, 1 (10%). Pena que esta afirmação não ocorre de fato em todos os casos, bom seria se na realidade as habilidades e competências fossem iguais em relação aos outros colegas sem a síndrome, e isso se deve há vários fatores que vão desde a falta de preparo de alguns professores, falta de apoio de certos pedagógico de gestores ou do próprio sistema de ensino, que não proporciona aos professores que têm de fato interesse e vontade de trabalhar de forma condizente com estes alunos.

Infelizmente não existe no âmbito escolar de forma significativa e pouco se tem feito para que esta realidade seja mudada. Por outro lado, se houvesse real apoio aos professores por parte da gestão e comunidade no exercer da profissão, materiais pedagógicos teóricos e práticos de

qualidade, a qualidade de ensino seria bem melhor. Só assim, estaríamos com condições de formar cidadãos críticos e capazes de viver e sobreviver dentro da sociedade.

As habilidades e competências do portador com síndrome de Down em sala de aula, pode ser igual ou muito semelhante aos alunos considerados normais, se forem trabalhadas com total apoio e professores responsáveis e qualificados na área. Isso depende de como estão estruturadas as escolas que recebem estes alunos, cabe as autoridades responsáveis fazerem com que as leis sejam cumpridas, só assim o processo de ensino e aprendizagem será cada vez melhor.

4.3 QUAL A MAIOR DIFICULDADE EM TRABALHAR COM PORTADORES DE SÍNDROME DE DOWN?

Tabela 03: Dificuldades em Trabalhar com Portadores de Síndrome de Down.

ALTERNATIVAS	RESPOSTAS	%
Dificuldade de aprendizagem	2/10	20
Falta de apoio do sistema educacional	3/10	30
Desempenhar funções	2/10	20
Falta de material pedagógico	3/10	30

Fonte: a pesquisa

De acordo com 6 (60%) dos professores, a falta de material pedagógico e apoio por partindo do próprio sistema educacional são suas maiores dificuldades no ato de trabalhar com pessoas com a síndrome de Down, fica claro a realidade existente na maioria das escolas, é nítido que na maioria dos casos os professores é que compram seus próprios materiais para terem condições de lecionar com dignidade. Quanto ao sistema educacional, de maneira direta, tem sido a grande dificuldade na melhoria de educação.

Para outros 4 (40%), são as dificuldades de aprendizagem e de desempenhar suas funções que existem como obstáculo. Neste sentido, cabe ressaltar que a qualidade do ensino público é ainda muito deficiente, quando trata de lidar com pessoas especiais. É preciso uma qualificação eficiente com meios, métodos e técnicas adequadas que proporcionem aos alunos condições de aprendizado qualificado.

Por outro lado, é gratificante saber que existem professores satisfeitos nesta área e há dedicação e um trabalho mais eficaz dentro das possibilidades, sendo ainda necessário mais valorização por partes gestores, coordenadores, pedagogos, secretários, apoio e colegas professores e principalmente pelas autoridades competentes.

A falta de material pedagógico e apoio por partindo do próprio sistema educacional são suas maiores dificuldades no ato de trabalhar com pessoas com a síndrome de Down, fica claro a realidade existente na maioria das escolas, é nítido que na maioria dos casos os professores é que compram seus próprios materiais para terem condições de lecionar com dignidade. Quanto ao sistema educacional, de maneira direta, tem sido a grande dificuldade na melhoria de educação.

4.4 EXISTE PRECONCEITOS POR PARTES DOS OUTROS ALUNOS?

Tabela 04: Perspectivas quanto ao preconceito

ALTERNATIVAS	RESPOSTAS	%
Sim. Por parte de todos	2/10	20
Sim. Por parte de alguns	4/10	40
Não. Mas não tentam maior interação	3/10	30
Não. Todos se interagem nas atividades	1/10	10

Fonte: a pesquisa

Na visão de 4 (40%) dos professores, existe o preconceito por parte de alguns, o que forma indireta pode ser considerado normal, já que de forma direta infelizmente sempre há preconceito, o que precisa é haver conversas, metodologias e até atividades lúdicas no sentido de minimizar ao máximo a questão de preconceito.

Já 3 (30%) dos professores, responderam que este preconceito não existe, no entanto não observa uma interação entre os alunos, o que de fato, não deixa de ser uma espécie de preconceito entre os alunos, já que dificilmente estes alunos têm uma opinião formada definitiva e não se interagem puramente por preconceito, essa não interação deve ao fato de forma direta a outros fatores.

Por outro lado, 2 (20%) dos professores, disseram que existe preconceito por parte de todos aos alunos, e neste caso fica claro e necessidade de que algo seja feito para que este problema seja

resolvido da melhor maneira possível, de forma que não venha atrapalhar o crescimento e desenvolvimento cognitivo e afetivo dos alunos que têm síndrome de Down.

E apenas 1 (10%) dos professores, perceberem que não existe preconceito e todos se interagem entre si, pena que este percentual é o mínimo, cabendo a responsabilidade aos professores, gestores, alunos e comunidade de uma forma geral proporcionarem alternativas significativas, no sentido de mudarem o quanto antes esta realidade. Caso contrário, continuaremos sendo obrigados a vivenciar o preconceito que de forma direta ou não infelizmente ainda na maioria das escolas.

4.5 OS ALUNOS COM SÍNDROME DE DOWN SÃO MAIS OU MENOS DISCIPLINADOS QUE OS COLEGAS QUE TEM A SÍNDROME?

Tabela 05: Quanto a disciplina dos alunos com Síndrome em relação aos colegas.

ALTERNATIVAS	RESPOSTAS	%
Mais disciplinados	5/10	50
Menos disciplinados	2/10	20
Comportamento igual aos colegas	3/10	30

Fonte: a pesquisa

De acordo com 5 (50%) dos professores, os alunos com Síndrome de Down se comportam melhor de que os que não têm a Síndrome, esse comportamento pode estar relacionado a vários fatores, desde a timidez à falta de interação, fazendo com este aluno tenha dificuldade de interagir e acaba ficando sozinho e “comportada” no seu cantinho ou por ser na realidade comportada.

Assim, o comportamento para qualquer criança, é mais fácil e prazeroso se houver trabalhos significativos nos progressos cognitivos, fazendo com estes sejam capazes de se comportarem e interagirem com os outros de uma maneira espontânea e aceitável de forma social, principalmente se terem condições de responder de forma apropriada a um contexto imediato.

Para 3 (30%) dos professores, os alunos com Síndrome de Down se comportam igual aos que não têm a Síndrome, isso seria o ideal, se fossem respeitados é claro, as individualidades e limitações de cada um, pois não é em todos os sentidos ou aspectos que se pode cobrar as atitudes e comportamentos dos alunos de uma forma geral.

Na visão de apenas 2 (20%) dos professores, os alunos com Síndrome de Down são menos disciplinados que os que não têm a Síndrome, talvez isso de deva pela falta de apoio recebido por parte dos professores, preconceitos ou dificuldades de aprendizagem.

Neste sentido, a inclusão social destes alunos é imprescindível, pois vários fatores podem e devem ser trabalhados de maneira fazer com que vários aspectos sejam melhorados gradativamente, no sentido aprimorar a cada dia o desenvolvimento. O lado positivo desta inclusão é que torna o aluno capaz de aprender e compreender atitudes como: se conscientizar das principais rotinas cotidiana; saber responder e participar de forma correta; revezar, compartilhar, dar e receber; esperar; entender as regras da escola e sala de aula, comportar de forma independente e cooperativa, desenvolver amizades e habilidades tanto práticas quanto de autoajuda.

4.6 COMO SE COMPORTAM OS ALUNOS COM SÍNDROME DE DOWN EM RELAÇÃO AS ATIVIDADES DE HABILIDADES E COMPETÊNCIA, COMPARANDO COM OS OUTROS ALUNOS?

Tabela 06: Comportamento dos alunos com Síndrome de Down em relação aos outros alunos.

ALTERNATIVAS	RESPOSTAS	%
Com o mesmo interesse, porém com menor aprendizagem	6/10	60
Maior interesse, porém, com menor aprendizagem	1/10	10
Menor interesse e menor e/ou maior aprendizagem	3/10	30

Fonte: a pesquisa

De acordo com 6 (60%) dos professores, os alunos com Síndrome de Down se comportam quando ao nível de aprendizagem, no mesmo nível dos outros colegas, porém com menor aprendizado, isso se explica pelo fato de que de acordo com a atividade, estes alunos já comecem em desvantagens, se considerar o aprendizado, por isso é importante que o professor tenha muito cuidado nas atividades aplicadas e que sempre saiba como, quando e onde devem ser desenvolvidas tais tarefas. Pois dependendo das situações e tarefas, o tratamento deve ser diferenciado, para que sejam alcançados todos os objetivos esperados.

Já na opinião de 3 (30%) dos professores, os alunos com Síndrome de Down se comportam quando ao nível de aprendizagem, menos que os colegas, porém com condições de aprendizado igual ou melhor. Neste sentido, vale lembrar que vai depender e muitos de é trabalhado os métodos

e metodologias pelo professor em sala de aula. Se houver compromisso e responsabilidade na aplicação das atividades e todos os aspectos forem considerados e respeitados os limites de cada um e se todas as tarefas forem conduzidas gradativamente, o aprendizado será igual à todos e conseqüentemente também poderá ser igual ou maior, independente se aluno tem não Síndrome de Down.

E Apenas 1 (10%) dos professores, percebem que os alunos com Síndrome de Down se comportam quando ao nível de aprendizagem, com menos interesse e menor e/ou maior aprendizagem em relação aos colegas, cabe aos professores (principalmente) tomarem decisões e atitudes para a cada dia há igualdade de propostas de ensino e que todos tenham condições de tratamento e aprendizagem iguais. Desta forma, a forma de planejar as aulas e a escolher as estratégias à participação de todos, são imprescindíveis à construção de uma cultura inclusiva e o professor é a peça fundamental.

4.7 QUAL A INFRAESTRUTURA EXISTENTE PARA TRABALHAR COM PESSOAS COM SÍNDROME DE DOWN?

Tabela 07: Infraestrutura Existente para Trabalhar com Pessoas com Síndrome de Down

ALTERNATIVAS	RESPOSTAS	%
Sala de recursos e multimídias	3/10	30
Instrumentos profissionais especializados	2/10	20
Jogos e brinquedos alternativos	5/10	50

Fonte: a pesquisa

Quanto Infraestrutura disponível nos estabelecimentos de ensino relacionada a trabalhar com pessoas com síndrome de Down, para 05 (50%) dos professores há jogos e brinquedos alternativos na escola, o que significa dizer que a maioria dos educadores têm como trabalhar de maneira digna com estes alunos. Já na visão de apenas 03 (30%) há sala de recursos e multimídias, mostra que em muitas escolas ainda não estão totalmente preparadas para trabalhar com estes alunos, é visível a precariedade das infraestruturas dos estabelecimentos de ensino em todo Brasil em vários aspectos.

Neste sentido, fica claro que estes aspectos podem interferir e muito no processo de ensino e aprendizagem e sua falta só contribui negativamente em sala de aula. As escolas precisam de espaços adequados, salas confortáveis, estrutura e infraestrutura satisfatórias, para que os professores tenham condições de atuação digna. Se o professor recebe todo apoio para desenvolver uma aula satisfatória, os alunos só têm a ganhar.

É importante trate os alunos especiais da melhor maneira possível e proporcione de forma adequadas fatores como rampa de acesso em toda a escola nos lugares mais difícil e estes alunos tenham objetos (torneiras, bebedouros, corrimão, brinquedos, passarelas, cadeiras, bancos) adequados e de fácil acesso. Na acessibilidade, as rampas, precisam estarem dentro dos padrões permitidos, caso contrário, quem utiliza cadeira de rodas não vai poder se locomover sozinho.

Os banheiros também precisam ser adaptados, já que alunos especiais têm dificuldades motoras ao se movimentarem, principalmente para os que não podem sair de suas cadeiras para fazer suas necessidades e em relação as torneiras, seria ideal que houvesse ao menos uma especifica com sensor, já muitos alunos não conseguem controlar os movimentos das mãos e não podem por exemplo, apertar ou manipular os botões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com dados coletados e analisados na pesquisa, considerando a opinião dos professores, assim, como em suas respostas ao questionário, considerando o Grau de Formação; habilidades e competências do portador com síndrome de Down em sala de aula; Dificuldades em Trabalhar com Portadores de Síndrome de Down; Perspectivas quanto ao preconceito; Quanto a disciplina dos alunos com Síndrome em relação aos colegas; e Comportamento dos alunos com Síndrome de Down em relação aos outros alunos, pode-se mencionar que:

- ✓ A maioria dos professores são formados para trabalhar com alunos com necessidades especiais do Município de Alto Alegre – RR, o que proporciona aos alunos na teoria uma melhor condição de aprendizado;
- ✓ Que é preciso professores que saibam coordenar, planejar, programar, executar e ensinar os conteúdos com responsabilidade, além de estar atento para a prática pedagógica escolar, promovendo ações que ampliem a visão de mundo dos

alunos, com instrumentos necessários, com condições de viverem e conviverem na sociedade de uma forma geral;

✓ A maioria dos professores perceberam habilidades e competências destes alunos, e que 5 (50%) responderam se comportam de forma igual aos colegas sem a síndrome, desde que sejam bem trabalhados de forma condizente pelo professor;

✓ A falta de material pedagógico e apoio por partindo do próprio sistema educacional são suas maiores dificuldades no ato de trabalhar com pessoas com a síndrome de Down;

✓ Há necessidade de mais materiais pedagógicos teóricos e práticos de qualidade, para que a qualidade de ensino seja melhor. Só assim, estaríamos com condições de formar cidadãos críticos e capazes de viver e sobreviver dentro da sociedade;

✓ Existem professores satisfeitos e com dedicação, com trabalho mais eficaz dentro das possibilidades,

✓ Há necessidade de maior valorização por partes gestores, coordenadores, pedagogos, secretários, apoio e colegas professores e principalmente pelas autoridades competentes;

✓ A maioria dos professores percebem preconceitos por parte de alguns colegas, assim, é importante haver conversas, metodologias e até atividades lúdicas no sentido de minimizar ao máximo a questão de preconceito;

✓ Para a maioria dos professores, os alunos com Síndrome de Down se comportam melhor de que os que não têm a Síndrome, o que pode estar relacionado à fatores, como timidez ou falta de interação;

✓ De acordo com 6 (60%) dos professores, os alunos com Síndrome de Down se comportam quando ao nível de aprendizagem, no mesmo nível dos outros colegas, porém com menor aprendizado;

✓ Preciso haver mais compromisso e responsabilidade na aplicação das atividades e todos os aspectos forem considerados e respeitados os limites de cada um e se todas as tarefas forem conduzidas gradativamente, o aprendizado será igual

à todos e conseqüentemente também poderá ser igual ou maior, independente se aluno tem não Síndrome de Down;

✓ Em relação à Infraestrutura disponível nos estabelecimentos de ensino relacionada à trabalhar com pessoas com síndrome de Down, deixa muito a desejar em muitos casos, mas existem escolas equipadas com jogos e brinquedos alternativos na escola, sala de recursos e multimídias. Essa não infraestrutura interfere e muito no processo de ensino e aprendizagem de maneira negativa;

✓ Precisa –se mais escolas com espaços adequados, salas confortáveis, estrutura e infraestrutura satisfatórias, para que os professores tenham condições de atuação digna. Se o professor recebe todo apoio para desenvolver uma aula satisfatória, os alunos só têm a ganhar.

REFERENCIA

CARVALHO, GracielyThaiss de. Gomes, Juliana Braz Pereira. Santos, Mayara Corrêa dos. David, Mônica Cristiane. **O Processo de Alfabetização do Aluno Com Síndrome de Down na Escola Inclusiva nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental**. ENSAIOS PEDAGÓGICOS, Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia das Faculdades OPET ISSN 2175-1773 – dezembro de 2015

DUEK, Viviane Preichardt. **Professores Diante da Inclusão: Superando Desafios**. Londrina, 29 a 31 de outubro de 2007 – ISBN 978-85-99643-11-2.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar: o que é? Porque é? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

MARTINS, L. A. R. **A inclusão escolar do portador da síndrome de Down: o que pensam os educadores?** Natal: EDUFRN, 2003.

PACANARO, Sílvia Verônica; Santos, Acácia Aparecida Angeli dos; Suehiro, Adriana Cristina Boulhoça. **Avaliação das habilidades cognitiva e viso-motora em pessoas com Síndrome de Down**. Rev. bras. educ. espec. vol.14 no.2 Marília May/Aug. 2008. *Print version* ISSN 1413-6538 *On-line version* ISSN 1980-5470.

BASSANI, Cecília da Silva. **A SÍNDROME DE DOWN E AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM**. Anhanguera Educacional Unidade Taboão da Serra. RA: 2220414038. Vol. V, Nº. N, Ano 2008 • p. 1-18 3.

SCHWARTZMAN, José S. Síndrome de Down. São Paulo: Memnon, 1999. 324 p.

SMITH, Corine; **STRICK**, Lisa. Dificuldades de Aprendizagem de A a Z: um guia completo para pais e educadores. Trad. Dayse Batista. Porto Alegre: ArtMed, 2001 332 p

MIZUKAMI, M.G.N. Ensino: as abordagens do processo. São Paulo: EPU, 1986.

GALVE, J.L.; **SEBASTIAN**, E. e outros. Adaptaciones curriculares de la teoria a la práctica. Madrid: Editora CEPE, 2002.

POKER, Rosimar Bortolini. Plano de desenvolvimento individual para o atendimento educacional especializado... [et al.]. – São Paulo: Cultura Acadêmica ; Marília : Oficina Universitária, 2013 184p. ISBN 978-85-7983-393-9

SENO, Marília Piazzzi. **Síndrome de Down em sala de aula: Características e estratégias para estimular o desenvolvimento dos portadores da condição**. <http://ensinofundamental.uol.com.br/2017/01/06/sindrome-de-dow-em-sala-de-aula/>. Acesso em 18 de janeiro de 2018.